A concepção da fé em Paul Tillich

The conception of faith in Paul Tillich

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. **São Leopoldo, RS, Brasil:** Editora Sinodal, 1985, 88 p.

Viviane de Sousa Rocha*

Iniciaremos o resumo do livro de Paul Tillich, *Dinâmica da fé* (1985), de maneira geral. Posteriormente, focalizaremos naquilo que traz de mais importante para a definição e explanação de seu tema: a fé e sua dinâmica com a vida humana.

O livro de autoria de Paul Tillich (1985) aborda, em poucas páginas e em uma linguagem aparentemente fácil, o tema apontado no título. O livro encontra-se dividido em seis capítulos e várias subseções, tornando-se cada vez mais complexo à medida que o autor relaciona o tema da fé com outros aspectos da vida humana. Seu objetivo é discursar sobre a fé, definindo-a e, tal como retratado no título, explanando sua dinâmica. Não abordaremos cada capítulo separadamente, mas abordaremos o tema de modo geral. Ao final, analisaremos o que a fé não é e suas distorções, além de sua relação com a razão e o amor.

Já nas primeiras páginas, o livro apresenta a definição de fé como algo que parece fácil de se entender: fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. E o livro explica e retoma várias vezes essa definição. Da mesma forma que temos preocupações com alimento e moradia, o homem também tem preocupações espirituais, isto é, estéticas, sociais, políticas e cognitivas (TILLICH, 1985, p. 5)

A fé que se manifesta na religião do Antigo Testamento também tem o caráter incondicional na exigência. Para o homem do Antigo Testamento, a fé é o estar possuído última e incondicionalmente por

* Mestranda em Ciência da Religião (UFJF). Licenciada em Letras pela UFJF (1999), E-mail: visrocha1977@gmail.com. Curriculo Lattes: ID Lattes: **2786593017865337**

Javé e por tudo aquilo que ele representa através de seus mandamentos, ameaças e promessas. Aquilo que interessa incondicionalmente não é a nação, o que preocupa incondicionalmente é o Deus. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força" (Dt 6, 5). Nisto está expresso o que quer dizer preocupação última.

Outro exemplo trazido pelo autor consiste na maneira em que sucesso na vida, "status" social e ascensão econômica podem se transformar, na sociedade contemporânea, em uma preocupação incondicional. Este é o "deus" de muitas pessoas no mundo ocidental, dominado pelo espírito de concorrência. O autor aborda a vida atual e a relação do homem com os bens materiais, o sucesso financeiro e a busca pelo sucesso e o status social como uma preocupação última. A verdadeira fé, expressa na preocupação última, tal como evocada em Dt 6,5, significa estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente (TILLICH, 1985, p. 6-7).

A partir da definição do teólogo, que nos apresenta dois exemplos, um positivo e outro negativo, ao qual se refere como contra-exemplo, podemos abordar a fé como ato da pessoa inteiramente possuída por aquilo que a toca incondicionalmente, isto é, aquilo que se realiza no centro de sua vida pessoal e do qual participam todos os elementos. A fé é o ato mais íntimo e global do espírito humano. Ela não é um processo que se dá de forma parcial, nem desempenha uma função especial na vivência humana. Ela envolve, assim, o âmbito da psicologia. Como manifestação da pessoa integral, não pode ser imaginada sem a atuação concomitante dos elementos inconscientes na estrutura psíquica. Eles estão sempre presentes, determinando em alto grau o conteúdo da fé. No entanto, a fé também é algo consciente. Desta forma, Paul Tillich nos fala que a fé está na pessoa como um todo. Não em uma parte apenas, mas no inconsciente, no consciente e na liberdade. Fé e liberdade são vistas como uma só coisa (TILLICH, 1985, p. 8).

Sendo ato global e mais íntimo da pessoa, a fé, segundo o teólogo, é "extática". O êxtase da fé traz uma consciência da verdade e de valores éticos. Amor e ódio, briga e conciliação, influências individuais e coletivas, tal como foram experienciadas no decurso da vida, tudo isso está incluído na fé. "Êxtase" quer dizer "estar fora de si", sem deixar de ser a gente mesmo, sem sacrificar um só dos elementos reunidos no

centro da pessoa. Para compreender a fé, ainda é necessário saber da tensão entre a função cognitiva, de um lado, e sentimento e vontade, do outro (TILLICH, 1985, p. 9).

O autor aponta também que a fé tampouco é um sentimento. Apesar de incluir sentimento, como todos os aspectos da vida, o sentimento não produz a fé. Conhecimento, vontade, tudo isso está envolvido. A paixão infinita, como também já se chamou a fé, é a paixão pelo infinito, aqui chamada preocupação última, ou seja, estar possuído incondicionalmente (TILLICH, 1985, p.10).

O autor adentra no tema da fonte da fé (TILLICH, 1985, p.11). Discorre sobre o fato de o homem ser (percebemos uma importância desse verbo empregado pelo autor), na sua totalidade, de modo que percebemos uma relação com o ato integral da fé: ter uma preocupação última que revela algo de sua natureza, isto é, que ele tem a capacidade de transcender o fluxo contínuo de experiências finitas e passageiras. As experiências, os sentimentos e pensamentos do homem são condicionados e passageiros. Isto não só quer dizer que surgem e desaparecem, mas também se refere ao seu conteúdo, a não ser que sejam elevados ao nível de validade incondicional. Isto, porém, pressupõe uma faculdade especial e a presença do elemento do infinito num ato direto, pessoal e central.

O homem é capaz de captar o sentido do que é último, incondicional, absoluto e infinito. Apenas isso faz da fé uma possibilidade do homem. O homem é impelido para a fé ao se conscientizar do infinito de que faz parte, mas do qual ele não pode tomar posse como de uma propriedade. Com isso, está prosaicamente formulado aquilo que ocorre no curso da vida como "inquietude do coração", segundo Tillich (1985, p.11).

Nessa parte, lembramos de Santo Agostinho em *Confissões:* "fizeste-nos para Ti Senhor e inquieto está nosso coração enquanto não repousa em *Ti*". Assim, o autor continua a sua peregrinação rumo ao Sagrado. No Capítulo 4, cujo título é *A Fé e a Dinâmica do Sagrado,* o autor expõe aqueles que penetram na esfera da fé, alegando que estão pisando no Santíssimo da vida. Algo que nos toca incondicionalmente se torna sagrado. Onde há fé, também se encontra um conhecimento do que é sagrado. E, como fala Otto, na sua obra clássica *O Sagrado,* o sagrado permanece mistério, se bem que é revelado. Quem com ele se depara é por ele atraído e, ao mesmo tempo, estremece. O

homem que se encontra na esfera do sagrado está diante do "fascinosum" e do "tremendum"; ambos estão presentes em todas as religiões. O "fascinosum" e o "tremendum" aparecem frente ao incondicional, à preocupação última, i.e., na experiência com o sagrado e o infinito (TILLICH, 1985, p.13).

Ainda sobre o finito e infinito, podemos afirmar que um ato de fé é realizado por um ser finito, que está tomado pelo infinito e para este se volta. Trata-se de um ato no âmbito do finito, com toda a limitação que como tal lhe é própria; mas também é um ato do qual participa o infinito, transcendendo os limites do finito. Fé é certeza, na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado (TILLICH, 1985, p.15). Paul Tillich fala também da coragem e toma num sentido mais amplo. Coragem, como elemento da fé, é arriscar-se a afirmar a si mesmo diante dos poderes do "não-ser". A fé é, pois, este direcionamento para o incondicional. Ao falar da essência da religião, Tillich fala da fé. Tanto para a fé quanto para a religião, vale este direcionamento, este voltar-se para o incondicional (GROSS, 2013, p.12).

No entanto, mesmo nos Santos, a dúvida aparece. A coragem se relaciona com a fé, de maneira que ambas não podem ser separadas. A coragem não precisa de uma convicção inquestionável (TILLICH, 1985, p. 66-67).

Falou-se da certeza e da coragem como experiências do sagrado. Mas e quanto à relação entre a fé e a dúvida? No que diz respeito à dúvida, o filósofo e teólogo Paul Tillich diz que ela se encontra na fé. A dúvida existencial e a fé são os polos que determinam o estado interior da pessoa possuída pelo incondicional. E, quanto à importância da linguagem, alega, ainda, que, sem linguagem, não existe fé nem experiência religiosa (TILLICH, 1985, p.19-20).

Sobre a questão da fé e os místicos, Tillich afirma que a fé tem um caráter místico e sacramental. Além disso, ela é capaz de prevalecer sobre a dúvida, atitude para a qual contribui a coragem. O incondicional encontra-se no ato de superar a cisão dentro de si, através da meditação, contemplação e êxtase. A mística não é irracional. Alguns dos maiores místicos da Europa e da Ásia eram, ao mesmo tempo, grandes filósofos, que se sobressaíam na clareza e consequência do seu pensamento. Eles reconheceram que aquilo que nos toca incondicionalmente, o objeto de

nossa fé, não pode ser igualado a uma parte da realidade, como tenta a fé sacramental. Na mística, o sacramentalismo é um tipo de fé, e em toda a fé há um elemento místico, bem como um sacramental (TILLICH, 1985, p. 42-43).

Quanto ao símbolo, Tillich (1985, p. 30-33) afirma que este pode expressar aquilo que toca o homem incondicionalmente, pois apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. O autor exemplifica ao se referir a um quadro ou a uma poesia: eles revelam traços da realidade que não podem ser captados cientificamente. O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus. Isso nos leva a mais uma característica do símbolo: ele faz parte daquilo que ele indica. A bandeira faz parte do poder e do prestígio da nação pela qual ela flutua. Outra característica do símbolo consiste em que ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, permaneceriam inacessíveis. Toda arte cria símbolos para uma dimensão da realidade que não nos é acessível de outro modo.

Finalmente, abordaremos o que a fé não é e suas distorções, assim como sua relação com a razão e o amor. As diversas interpretações errôneas da fé podem ser atribuídas a uma só raiz. Fé, como estar formado por aquilo que nos toca incondicionalmente, é um ato central da pessoa inteira. Se acontecer que apenas uma das funções que constituem a pessoa é identificada com a fé, desfigura-se o sentido dela. A distorção mais frequente a respeito da fé consiste em considerá-la como um conhecimento que apresenta menor grau de certeza do que o conhecimento científico. Conforme essa concepção, o ato de fé consiste em uma suposição de probabilidade maior ou menor, a qual em si não pode ser demonstrada. Tal fé não pode ser nada mais do que um "dar crédito". Há confiança na fé, mas confiança e fé são diferentes. Fé é mais do que confiança em autoridades, apesar de a confiança sempre ser um elemento da fé (TILLICH, 1985, p. 24-25).

Já sobre a distorção da fé como ato da vontade, Paul Tillich alega a existência de um tipo católico e um evangélico da distorção voluntarística da fé. Falarei do tipo católico, que tem uma venerável tradição na Igreja romana, segundo o autor. Ele tem a sua origem em Tomás de Aquino. Segundo Tillich, o santo afirmava que a impossibilidade de demonstração inerente à fé precisaria ser compensada por um ato da

vontade. Na teologia católico-romana clássica, a "vontade para crer" não é uma decisão que surge do esforço do homem, mas ela lhe é concedida pela graça. Deus leva a vontade a aceitar a verdade da doutrina da Igreja. Mas, também conforme essa concepção, não existem outros motivos que levam as pessoas a essa suposição. Elas se decidem para a fé e preenchem com a vontade a lacuna da demonstrabilidade. Também conforme essa concepção, não é o intelecto que é levado à fé, mas a vontade movida por Deus completa aquilo que o intelecto não consegue realizar sozinho. Tal interpretação corresponde à orientação autoritária da Igreja romana segundo o autor luterano (TILLICH, 1985, p. 27-28).

Quanto aos tipos de fé, Tillich (1985, p. 40) alerta para a existência de dois tipos: ontológico e ético. Além disso, afirma que toda a dinâmica da fé de uma religião está ligada a eles. Enquanto o primeiro, na experiência do sagrado, refere-se à "santidade do ser"; o segundo refere-se à "santidade do dever". Em toda religião, a dinâmica da fé está consideravelmente definida por esses dois tipos, por sua interdependência e seu antagonismo. Ambos os tipos de fé influenciam tanto a mais intima vida de fé pessoal como também as grandes religiões históricas.

Como se relacionam fé e razão? O autor Paul Tillich (1985, p. 51) diz que a razão é uma condição necessária para a fé, e fé é o ato em que a razão irrompe extaticamente para além de si. A razão humana é finita. Entre a natureza verdadeira da fé e a natureza verdadeira da razão, não há contradição. Ou seja, fé e razão não se excluem para o autor; não se contradizem.

A questão acerca da relação da fé com o amor é antiga, sendo colocada desde que o apóstolo Paulo passou pela experiência de que é a fé no perdão divino e não a ação do homem que o faz aceitável perante Deus. O grande mandamento do Antigo Testamento foi confirmado por Jesus: Deus é ambas as coisas – o objeto daquilo que nos toca incondicionalmente e o objeto de amor irrestrito (TILLICH, 1985, p. 72-73).

A fé só é real e viva em comunhão, i.e., apenas quando ela cria uma linguagem comum. A discussão da relação entre amor e fé levou ao mesmo resultado: amor como elemento da fé e como aspiração pela re-união do que está separado, criando comunhão. E, uma vez que leva necessariamente à ação, e ação pressupõe comunhão, o estar possuído incondicionalmente significa viver a comunhão da fé. Isso não vale

apenas para as atividades e instituições comunitárias, mas também para a vida interior de seus membros. Quando uma pessoa se isola transitoriamente do agir comunitário, por exemplo, da vida cultual da comunidade de fé, então isso não significa necessariamente uma separação da comunidade como tal. Pelo contrário, tal movimento pode levar ao fortalecimento da vida espiritual da comunidade, pois, frequentemente, tal pessoa, após um isolamento voluntário, retorna como um renovador da comunidade e de seus símbolos (TILLICH, 1985, p.76).

Conclusão

Em sua conclusão, o autor trata de várias questões já debatidas, acerca das distorções e dificuldade de se definir a fé. Fala sobre a possibilidade de a fé ser confundida com sentimento e confiança, além de seu significado no presente. Fé é uma realidade em cada período da história da humanidade. Esse fato não prova que ela esteja inseparavelmente ligada à natureza mais íntima do homem; uma determinada fé poderia ser como a fé supersticiosa – uma distorção da verdadeira essência do homem. Esse ponto é levantado também por muitos que rejeitam a fé.

Fé é a mais íntima preocupação na vida do homem como pessoa, sendo, por isso, manifesta e oculta, ao mesmo tempo. A partir da leitura de Tillich, podemos nos perguntar se semelhante opinião se baseia em intuição real ou em um mal-entendido. A resposta a que chegamos consiste na afirmação de que a rejeição da fé provém de um desconhecimento da natureza da fé. A fé é difícil de se definir. E Paul Tillich diz que todas as tentativas, inclusive a sua, encerram em si possibilidades de novos mal-entendidos. Isso não poderia ser diferente, uma vez que a fé não é apenas um fenômeno entre outros. Ela é religião e, simultaneamente, mais do que religião; ela é onipresente e concreta; ela é mutável e, mesmo assim, permanece sempre a mesma (TILLICH, 1985, p. 81).

Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Versão online, disponível em: https://www.baixelivros.com.br/religiao/confissoes-pdf. Acesso: out. 2020

GROSS, Eduardo. **O conceito de Fé em Paul Tillich**. *In:* Revista Eletrônica Correlatio, v.12, n.23, jun. 2013. Disponível em: https://www.metodista.br/

revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/viewFile/4196/3672 Acesso em: out. 2020

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo, RS, Brasil: Editora Sinodal,1985.

Uma conversa com Paul Tillich, 1956. In: *NBC-TV Series Frontiers os Faith*. Yale Broadcast & Media Center: 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JRoyr-y01Lg. Acesso em: set. 2020.

Submetido em: 29-9-2021
Aceito: 20-1-2022